

Concepção de um grupo de professores de Ciências e Biologia sobre o tema indisciplina escolar

Antonio Augusto Ignacioⁱ 

Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Santa Helena, PR, Brasil

Diego Machado Ozelameⁱⁱ 

Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Santa Helena, PR, Brasil

Resumo

Este trabalho utiliza a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) para explorar as concepções dos docentes sobre a indisciplina escolar. Os resultados obtidos a partir das respostas dos docentes indicam que a indisciplina é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve diversos fatores, tais como a falta de motivação dos alunos, problemas familiares, desigualdade social, entre outros. A metodologia ATD se mostrou útil para a análise dessas múltiplas dimensões do fenômeno, permitindo uma compreensão mais profunda e consciente da problemática. Conclui-se que é importante que os docentes e gestores escolares utilizem abordagens amplas e contextualizadas para enfrentar a indisciplina, levando em consideração não apenas as questões comportamentais, mas também as dinâmicas sociais, culturais e emocionais envolvidas. Dessa forma, é possível desenvolver soluções mais efetivas para lidar com a indisciplina e garantir um ambiente escolar mais saudável e produtivo para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Indisciplina escolar. Ensino de ciências. Análise textual discursiva.

Conception of a group of Science and Biology teachers on the subject of school indiscipline

Abstract

This study employs the Discursive Textual Analysis (DTA) methodology to explore teachers' conceptions of school indiscipline. Results obtained from teachers' responses indicate that indiscipline is a complex and multifaceted phenomenon involving various factors, such as lack of student motivation, family problems, social inequality, among others. The DTA methodology proved useful in analyzing these multiple dimensions of the phenomenon, allowing for a deeper and more conscious understanding of the problem. It is concluded that it is important for teachers and school administrators to use broad and contextualized approaches to address indiscipline, taking into account not only behavioral issues but also the social, cultural, and emotional dynamics involved. This way, it is possible to develop more effective solutions to deal with indiscipline and ensure a healthier and more productive school environment for all involved.

Keywords: School indiscipline. Science teaching. Discursive textual analysis.

1 Introdução

O tema indisciplina escolar é uma problemática atual do cotidiano escolar e ao mesmo tempo um tema infrequente na literatura especializada (AQUINO, 2016). Na maioria das vezes, o tema é tratado de maneira imediatista, baseado em moralismos ingênuos, explicações reducionistas, com intenções de onipotência explicativa e sem o aprofundamento analítico e conceitual necessário. Embora os fatores que justificam essa carência de estudos existam e sejam importantes compreendê-los, o objetivo do nosso escrito não é esse, mas sim contribuir para o aprofundamento das discussões acerca da temática com a finalidade de evitar explicações apressadas, reducionistas, gerais e definitivas.

De acordo com Vasconcellos (2009), a indisciplina perpassa as esferas públicas, privadas e territórios geográficos da educação formal. O autor também destaca que as decorrências da indisciplina escolar é um dos principais fatores para desencadear doenças ocupacionais e abandono da profissão docente.

Dada a complexidade do tema se faz necessário a necessidade de maior número de áreas de conhecimento para tratar do tema, passando por questões da sociologia (instituição familiar), mídia, e aspectos sócio-históricos e culturais, Entre estes campos, mas não se resumindo a eles, entendemos que os campos de estudo sócio-históricos, psicologia e da psicanálise já permitem uma abertura significativa para pensar o assunto. Isso evidencia também que para os professores pensarem sobre a temática e encontrar formas de atuação, necessitam de mais conhecimentos que seu campo de especialidade. Importante frisar que não queremos sugerir que o problema da indisciplina seria “resolvido” quando o professor estabelece uma atitude ideal, uma vez que os fatores que constituem o tema são multifatoriais. O cuidado aqui é não criar o equívoco que os professores seriam os únicos responsáveis pela situação e por resolvê-la, pois o quadro ultrapassa sua responsabilização absoluta. Pelo contrário, o professor é um dos agentes imersos nas relações sociais, tendo um poder relativo sobre a mudança de uma situação na qual interage (OZELAME, 2019).

Para De Lajonquière (1996), quando perguntamos sobre a origem da indisciplina escolar, podemos ouvir como resposta a enunciação clássica de fatores

familiares, biológicos e sociais. Também é bastante comum associar a indisciplina a principal causa dos problemas de aprendizagem.

Este texto busca aprofundar a compreensão das concepções dos professores acerca da indisciplina no ambiente escolar por meio da metodologia Análise Textual Discursiva (ATD), destacando a importância de uma abordagem ampla e contextualizada que leve em consideração as dinâmicas sociais, culturais e históricas do ambiente escolar e dos alunos, bem como as implicações emocionais e psicológicas da indisciplina. Cabe ressaltar que a responsabilidade pelo enfrentamento da indisciplina não deve ser atribuída exclusivamente aos professores, tendo em vista a complexidade e multifacetado do seu papel na prevenção e enfrentamento dessa problemática. O objetivo do texto é contribuir para uma reflexão mais profunda e consciente sobre a indisciplina escolar e para a busca de soluções mais efetivas para esse desafio presente em nossa sociedade.

3

2 Procedimentos Metodológicos

A escolha pela abordagem de metodologia da pesquisa foi a Análise Textual Discursiva (ATD). É uma metodologia de análise qualitativa que busca uma fusão entre horizonte do analisado com aquele que compreende (GALIAZZI e SIMPLÍCIO, 2022). Esta abordagem faz uso da hermenêutica de Gadamer (2015) que apresenta o fenômeno da compreensão como uma produção de interpretações do as produz. Isso afasta-se de uma investigação positivista que tem por objetivo a comprovação de hipóteses, ou da busca por uma verdade que o texto traria, trazendo redes coletivas de significados que os autores desafiam compreender, descrever e interpretar a partir do encontro dos trechos das entrevistas com conhecimentos teóricos estudados e reconstruídos pelos autores. Por ser um método fenomenológico, a ATD só pode oferecer uma descrição do fenômeno do conhecimento. Em outras palavras, o método fenomenológico é uma questão sobre a possibilidade do conhecimento humano que limita sua verdade na busca entre a concordância de seu conteúdo ao objeto, mas que este último não pode ser verdadeiro nem falso, pois está além da verdade e inverdade. (HESSEN, 2012).

O questionário analisado nesta pesquisa integrou as atividades propostas na disciplina de Psicologia da Educação do curso de graduação de licenciatura em Ciências Biológicas da UTFPR, campus Santa Helena, no primeiro semestre de 2022. O questionário foi composto por três questões dissertativas sobre o tema indisciplina escolar, sendo que para este estudo foi escolhida apenas a seguinte sentença: - Você acha que os alunos de hoje são desrespeitadores? Por quê? A ferramenta metodológica utilizada para análise das respostas foi Análise Textual Discursiva - ATD (MORAES; GALIAZZI, 2013). De acordo com esta ferramenta analítica, o corpus de análise é submetido a uma leitura intensa e cuidadosa, chamado de impregnação (MORAES; GALIAZZI, 2013). após é realizado a fragmentação das ideias, resultando em uma unidade de sentido. Essas unidades ganham uma codificação em forma de letra e um número de acordo com a ideia. Posteriormente, as unidades de sentido são agrupadas por semelhança em seu conteúdo, constituindo o que chamamos de categorização, tendo como resultado a obtenção de categoriais.

A categorização pode ocorrer por meio de categorias pré-determinadas pelo pesquisador (a priori) ou categorias emergentes. Ao final deste processo, o pesquisador necessita transformar os dados categorizados em metatextos, um processo de escrita que envolve o olhar do pesquisador sobre as respostas embasado em autores e direcionamentos teóricos, buscando o que Moraes e Galiazzi (2013, p. 215) chamam de “a emergência do novo”, que resumidamente significa algo além do que foi dito ou encontrado no corpus de análise. Nesta pesquisa optou-se por apresentar as falas dos participantes na íntegra, a fim de facilitar a compreensão das ideias pelos leitores. Vale destacar que a ATD é uma abordagem fenomenológica, e, por isso, não busca encontrar a verdade do discurso dos entrevistados, mas possibilitar a problematização do tema a partir dos autores enquanto se fazem pesquisadores (GALIAZZI; SIMPLÍCIO, 2022). Por questões éticas e manter o anonimato dos entrevistados, os sujeitos foram identificados por letras maiúsculas.

3 Resultados e discussão

As análises dos dados obtidos foram organizadas a partir da questão respondidas pelos entrevistados: - Você acha que os alunos de hoje são desrespeitadores? Optamos neste escrito por analisar uma categoria emergente (1) Ambiente familiar. Passa-se a descrever o conteúdo dessa categoria.

3.1 Ambiente Familiar

5

Os relatos realizados sobre a questão “Você acha que os alunos de hoje são desrespeitadores?” gerou a categoria emergente Ambiente familiar. O título da categoria deu-se tendo em vista que grande parte dos entrevistados associam o desrespeito como um fator trazido do ambiente familiar dos estudantes. A seguir alguns destes discursos serão analisados. Em algumas das respostas, os professores entrevistados associaram o desrespeito à noção de hierarquia, como observado no relato a seguir: “Não enxergam hierarquias professores, diretores e pais; não admiram estes; culpa da mídia e sociedade” (ENTREVISTADO A).

É comum ouvirmos comentários que sugerem que os alunos não enxergam hierarquias e não admiram professores, diretores e pais. De acordo com essas opiniões, essa falta de respeito seria culpa da mídia e da sociedade. No entanto, devemos questionar essa visão simplista que desconsidera a complexidade das relações entre alunos e professores.

Primeiramente, é importante ressaltar que os professores são parte integrante da sociedade em que vivemos. Eles também são afetados pelas mesmas influências midiáticas e sociais que os alunos. Portanto, não é possível separar os professores da sociedade e atribuir a falta de admiração dos alunos apenas a esses fatores externos.

É interessante notar que a afirmação de que os alunos de hoje não admiram suas figuras de autoridade, como pais, professores e diretores, sugere que, em algum momento do passado, essa admiração existia. Portanto, é relevante refletir sobre como as relações entre alunos e figuras de autoridade evoluíram ao longo do tempo e como a cultura escolar foi moldada ao longo dos anos. Uma análise do passado pode nos ajudar a entender melhor as origens da atual dinâmica escolar e a identificar

áreas em que precisamos melhorar para fornecer um ambiente de aprendizagem mais saudável e produtivo para os alunos.

De acordo com Aquino (1998), as escolas antigamente eram predominantemente militarizadas. Dispositivos de organização é ainda visto hoje quando nos deparamos com filas, uniformes, cânticos e principalmente o medo e a coação que os alunos possuíam em relação às figuras escolares, chamado de “respeito”.

Em uma outra resposta do mesmo entrevistado fica ainda mais evidente a responsabilidade do ambiente familiar na questão da formação de um sujeito respeitador.

Eles em sua maioria não têm limites. Porque os limites são impostos primeiramente no convívio familiar, e posteriormente na escola, a maioria tem medo da direção escolar pois enxergam nela uma barreira e uma possibilidade de punição real, mesmo assim não chega a ser respeito. Quem não tem respeito pelos pais em casa, jamais terá pelos professores (ENTREVISTADO C).

Na resposta acima, fica expresso que a questão dos limites entre o respeito e desrespeito deve se dar no ambiente familiar. Em outras palavras, a responsabilidade de impor limites na criança é dos pais.

Aqui podemos pensar a indisciplina, ou no termo da falta de limites num viés psicológico como uma carência de infraestrutura psíquica do estudante. Contudo, não podemos pensar como uma condição individual de um sujeito, mas com determinantes psicossociais diante da noção de autoridade. Neste viés, podemos dizer que o estudante precisa ter uma infraestrutura psicológica moral anterior ao espaço escolar. Esta estrutura seria alguns parâmetros morais *a priori*, como regras de convivência social, solidariedade, reciprocidade etc. Neste sentido, a reivindicação de muitos educadores parece ser óbvia afirmam que esta estrutura psíquica prévia ao trabalho docente é de responsabilidade do primeiro espaço de convívio social da criança, o ambiente familiar.

Contudo, ainda tratando de moral, sabemos que cada período sócio-histórico reflete determinados modelos morais. Assim, se pensarmos do ponto de vista sócio-histórico, podemos dizer que a escola está em uma condição de confluência entre

movimentos históricos diferentes, alterando tanto as relações no espaço escolar como no ambiente familiar. Exemplo deste ponto de convergência é a tensão existente, em nosso país, entre o período do regime militar e a democratização. De acordo com Aquino (2016) com a crescente democratização do país, uma certa desmilitarização das relações sociais se estabelece, e, com isso, temos um novo estudante (sujeito histórico). A tensão que acontece atualmente seria que, em certa medida, guardamos um “padrão pedagógico” (AQUINO, 2016, p. 43) de estudante. Em uma sociedade militarizada (período da ditadura militar) as relações eram pautadas no autoritarismo, na hierarquia, na obediência e subordinação. Já uma sociedade pautada na democracia, tem-se como horizonte fundamental a igualdade. Importante lembrar, que em uma sociedade democrática fazemos críticas a hierarquia, mas isso não significa a inexistência de relações de autoridade e poder. Para melhor entender esta questão é recorremos a diferenciação entre Dominação e Poder que Safatle e colaboradores (2023) faz. Dominação seria um modo de interação que gera mais vantagem para um dos lados, instaurando necessariamente uma condição de desigualdade. Dominação instaura fronteiras bem delimitadas e duradouras, reservando sempre mais vantagens para um dos lados. Já o Poder, as vantagens seriam sempre intercambiáveis, uma vez a potência da sua ação é a expressão dos desdobramentos das relações, não estabelecendo hierarquia nem desigualdades fixas. Poder é encontro, não imposição, sendo a expressão das relações sociais que ao reconhecer o outro se modifica. A partir desta diferenciação é possível entender que uma sociedade que possui um princípio democrático real é ausente de hierarquias e dominações, apenas relações de poder que circula em várias direções.

Como podemos observar a indisciplina é um problema complexo que tem raízes profundas na sociedade e na educação. A indisciplina se apresenta como um problema comportamental de acordo com diferentes contornos e em combinações contingenciais, sociopolíticas e culturais específicas (DE LA TAILLE; 2009, AQUINO 2016).

A indisciplina pode ser alimentada por uma cultura da violência e do medo, onde os alunos são tratados como inimigos e os professores são vistos como figuras autoritárias e distantes. De La Taille propõe uma abordagem pedagógica baseada na

escuta, no diálogo e na cooperação, para superar a indisciplina e construir relações pedagógicas mais saudáveis e democráticas. Ele afirma que a indisciplina pode ser superada através de uma educação centrada nas necessidades e interesses dos alunos, e de uma pedagogia baseada no respeito e na responsabilidade (DE LA TAILLE; 2009).

Aquino (1998), aponta que a indisciplina é resultado de uma série de fatores, como a falta de estruturação das escolas, a falta de investimento em políticas educacionais eficazes e a falta de um ambiente escolar seguro e saudável. Autores como Piaget e Vygotsky, já diziam que a educação é um processo de construção e que é preciso considerar a importância do desenvolvimento das habilidades e competências dos indivíduos para o desenvolvimento de uma educação eficaz e de qualidade.

De acordo com Illich (1970), a ação educativa tem o objetivo de desenvolver a autonomia e a criatividade dos indivíduos, e não de transmitir conhecimento de forma mecânica. Ele argumenta que a educação tradicional é violenta, pois ela impõe padrões e metas arbitrários, e que isso cria uma sensação de fracasso e de inutilidade para aqueles que não conseguem atingir esses padrões. Ele também afirma que essa violência educacional é reforçada pelo sistema escolar, que utiliza técnicas antiquadas de controle e coerção para impor sua autoridade. De acordo com o autor, para combater essa violência educacional é preciso desenvolver uma educação baseada na liberdade, na criatividade e na autonomia, e que permita aos indivíduos desenvolver suas habilidades e potencialidades de forma livre e espontânea.

A seguir foram selecionadas respostas que unem temas como respeito, limites e aspectos relacionados à educação no ambiente familiar.

Onde é possível identificar uma colocação entre medo e respeito às hierarquias escolares: “a maioria tem medo da direção escolar pois enxergam nela uma barreira e uma possibilidade de punição real, mas mesmo assim não chega a ser respeito (ENTREVISTADO A).

[...] colocações como a educação presente no ambiente familiar: “Sim, porque muitos pais hoje em dia não impõem autoridade nas crianças e crescem acreditando que podem tratar as pessoas como bem entendem (ENTREVISTA C).

Os alunos que desrespeitam os seus professores crescem em um ambiente conturbado... (Entrevista D).

[...] os alunos perderam o respeito pelo professor, esqueceram que a figura de maior poder dentro de uma sala de aula são os professores, não valorizam o trabalho nem o tempo de estudo do docente (ENTREVISTA G).

9

O respeito pode ser considerado um valor importante na educação e é importante para o desenvolvimento saudável das relações entre professores, alunos e entre os próprios alunos. Mas o que os professores querem dizer ao associar hierarquia com o desrespeito? Qual o entendimento que se têm de respeito?

O entendimento de respeito varia de acordo com a perspectiva teórica e o contexto em que é abordado. Em geral, o respeito é visto como um valor fundamental para a convivência social e para o desenvolvimento de relações saudáveis e equilibradas. Ele envolve o reconhecimento da dignidade e dos direitos de outras pessoas, bem como a aceitação de suas diferenças e individualidades.

Alguns autores, como Illich (1970), argumentam que a educação deve ser baseada na liberdade e autonomia, onde é preciso respeitar a individualidade de cada pessoa e permitir que elas desenvolvam seus potenciais de forma livre e espontânea. Assim, a educação deve ser voltada para o desenvolvimento da autonomia e não impor limites e metas arbitrárias (ILLICH, 1970). Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia do Oprimido” destaca que o respeito é fundamental para a construção de uma relação pedagógica verdadeira e democrática, ele afirma: “*O respeito às diferenças e às ideias do outro é condição necessária para o diálogo*” (FREIRE, 1983). Para Piaget (1926), o respeito é uma das principais características das relações sociais saudáveis entre indivíduos. Vygotsky (1978) argumenta que a educação deve ser baseada no respeito pelo desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e permitir que eles atinjam seu potencial máximo. Kant (1776) afirmava sobre o respeito como uma relação moral entre indivíduos enquanto seres racionais.

Em resumo, diferentes autores e perspectivas evidenciam a importância do respeito como valor fundamental na educação e nas relações interpessoais, e como condição necessária para o diálogo, para as relações sociais saudáveis e para a dignidade humana. Todavia, tanto o ambiente familiar como a instituição de ensino

têm um papel importante no desenvolvimento do respeito, pois ela pode ajudar as pessoas a compreender e valorizar as diferenças e as perspectivas dos outros. De acordo com Aquino (2016) a escola tem uma função socializante, sendo um espaço de treinamento, preparação para as crianças se tornarem cidadãos para o convívio em sociedade. Contudo vale se perguntar que modelo de sociedade vivemos ou queremos viver. Uma sociedade democrática com respeito pelas diferenças, reversíveis e dinâmicas, ou uma sociedade autoritária baseada em hierarquias e desigualdades? Podemos dizer que atitudes democráticas, no mínimo teoricamente, nos parece uma posição mais ética e coerente entre as relações sociais.

Se tratando de aprendizagem, dado os processos de aquisição do conhecimento, os estudos mais recentes trazem a perspectiva construtivista como a mais aceita. Em poucas palavras podemos dizer que o construtivismo vem contrapor teorias anteriores afirmando uma postura epistemológica na qual o conhecimento acontece na interação do sujeito com a realidade física, social e cultural. Isso supera os antecedentes teorias epistemológicas empiristas (todo conhecimento deriva da experiência) e a apriorística (conhecimento é uma condição inata do sujeito) ou mesmo uma epistemologia ingênua do processo de aquisição do conhecimento como simples transmissão entre um transmissor (quem ensina) e receptor (quem aprende). Assim sendo, processos de ensino e aprendizagem baseados no empirismo (presença marcante até hoje em muitos professores de Ciências e Biologia), usavam métodos de ensino baseados em sua concepção de construção do conhecimento. Professores empiristas acreditam que o conhecimento se inicia com a observação, ou seja, não há nada no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos. Este entendimento concebe uma relação de aprendizagem no qual o estudante seria um ser passivo que obtém o conhecimento por meio exclusivamente da observação. Já para o construtivismo, o sujeito não conhece e nem pode conhecer a realidade diretamente. O sujeito constrói modelos (teorias) sobre uma realidade e com base nela atua. A ciência de vanguarda é baseada no paradigma da simulação na qual entende que não descobrimos como as coisas são, mas que construímos modelos explicativos os quais o conteúdo concorda com o objeto (POZO; GOMEZ CRESPO,

2009; HESSEN, 2012). Isso nos faz admitir que o conhecimento científico é uma forma de cultura.

Importante destacar aqui, que a partir da perspectiva construtivista, o aluno deixa de ser um ser passivo para ser um indivíduo que constrói seu conhecimento. Para o processo de ensino acontecer, as concepções prévias dos estudantes são fundamentais. Pois é a partir delas que os novos conhecimentos são ressignificados e construídos um novo. De forma resumida as etapas que o professor precisa realizar para produzir aprendizagem científica (inserir o sujeito do discurso científico), seriam: reconhecer as concepções prévias dos estudantes, colocá-las em conflito e serem aceitas pelo grupo e pelo indivíduo.

Tendo isso em vista, podemos dizer que a inquietação, a curiosidade e a participação ativa dos estudantes são entendidas como excelentes oportunidades para o trabalho em sala de aula, uma vez que só diante de um sujeito ativo, que se comunica, é possível saber suas concepções prévias sobre determinado assunto. Diferentemente, por exemplo da perspectiva empirista, baseada na observação passiva de uma realidade objetiva externa ao sujeito, no qual o sujeito poderia ser passivo no ato de aprender.

O excerto a seguir, nos faz pensar outro aspecto importante que envolve o tema da indisciplina escolar, as relações interpessoais. “O professor [...] não consegue ensinar algo que o aluno não esteja disposto a aprender (ENTREVISTADA B)”. “Ensino por métodos tradicionais é muito chato” (ENTREVISTADA F). “Pouca ou nenhuma paciência para entender” (ENTREVISTADA L).

De acordo com Fourez (2008) a relação professor e aluno durante o processo de ensino é necessariamente uma relação conflituosa.

A intervenção do docente – quer seja pelo modelo científico ou por seus valores – “agride” sempre um pouco os alunos. O modelo do ensino sem ruptura nem conflito é um engodo ou uma gigantesca manipulação (ibdem, p.43).

Este posicionamento traz dois aspectos interessantes de serem analisados. Primeiro, uma posição que toma distância da ideia que o docente é alguém que propõe valores e verdades neutras para seus alunos. Pelo contrário, ensinar é, de certa

maneira colocar o estudante diante de outras representações de mundo. Um segundo aspecto importante diretamente relacionado a indisciplina está no fato que esta relação, por ser necessariamente uma relação conflituosa, não tendo meio de ensinar sem criar uma certa condição de agressão ela não é confortável. Isso, no mínimo por dois motivos, ou porque o aluno tenha outras preocupações que não os temas trazidos pelo programa escolar outra porque estas intervêm nas suas representações já existentes. Mudanças demandam esforços e, na maioria das vezes, desagradam. De outra parte, sem esta “agressão” o ensino não abriria portas para outras formas de conhecer. Isso nos parece justificar as falas do excerto acima, embora na maioria das vezes, essas falas são associadas exclusivamente a críticas sobre a metodologia do professor. Não negamos este aspecto, mas percebemos que pensar os excertos a partir de uma análise sócio-histórica sobre as relações interpessoais também é pertinente e amplia o campo de discussões e entendimento sobre a temática da indisciplina escolar.

4 Considerações finais

Ao longo da análise, evitamos reducionismos e buscamos compreender a complexidade do fenômeno, levando em conta as diversas áreas do conhecimento que são relevantes para a abordagem do tema da indisciplina. Verificamos que a indisciplina escolar é um fenômeno multifacetado, que afeta não apenas os professores, mas também os alunos, suas famílias e a comunidade escolar como um todo. Além disso, constatamos que as causas da indisciplina são diversas e inter-relacionadas, e que sua superação demanda ações integradas e sustentáveis por parte das escolas, das famílias e da sociedade em geral.

Concluimos que a compreensão da indisciplina escolar exige a análise das múltiplas dimensões do fenômeno, sem reduzi-lo a uma única causa ou explicação. A metodologia de Análise Textual Discursiva se mostrou uma ferramenta valiosa para ampliar as discussões e nuances da indisciplina escolar, permitindo uma análise aprofundada e rica em interpretações. É importante destacar que a superação da indisciplina escolar requer ações que abrangem diferentes áreas e formas de

entendimento, a promoção de valores éticos e morais, o estabelecimento de um ambiente escolar seguro e acolhedor, o fortalecimento da relação entre família e escola, e a oferta de condições de trabalho adequadas aos professores. Importante também considerar que o próprio entendimento da indisciplina é uma normatividade imanente de um período sócio-histórico determinado, instaurando comportamentos e organizando as margens do que é entendido e aceito como tal. Assim, antes de reduzir a indisciplina a uma série de problemas a resolver, se faz importante compreender seu contexto.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, p. 181-204, 1998.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, p. 664-692, 2016.

DE LA TAILLE, Yves. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Artmed Editora, 2009.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1970.

FOUREZ, Gérard. **Educar: docentes, alunos, escolas, éticas, sociedades**. Aparecida, SP: ideias e letras, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método I: trações fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Editora vozes, 2015.

GALIAZZI, Maria do Carmo. SIMPLÍCIO, Robson de Souza. **Análise Textual Discursiva: uma ampliação de horizontes**. Editora: Unijuí, 2022.

HESSEN, Johannes; CORREIA, António. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins fontes, 2012.

Kant, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Hamburgo: Felix Meiner, 1976.

DE LAJONQUIÈRE, Leandro. A criança, sua (in) disciplina e a psicanálise. **A indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, p. 25-37, 1996.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2013.

OZELAME, Diego Machado. **Aulas de ciências no ensino fundamental: considerações epistemológicas e políticas provocativas a partir de uma contraproposta inspirada pela teoria ator-rede**. 142 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2019.

PIAGET, Jean; FIÚZA, Rubens. **A representação do mundo na criança**. 1926.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 2009.

Jornal da USP. **Igualdade(s) como princípio da democracia real**. Texto de Vladimir Safatle. Saense. <https://saense.com.br/2023/01/igualdades-como-principio-da-democracia-real/>. Publicado em 02 de janeiro (2023).

VASCONCELLOS, C. S. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mente na sociedade: Desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. Editora da Universidade de Harvard, 1978.

ⁱ **Antonio Augusto Ignacio**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4556-4649>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Santa Helena, Paraná.

Contribuição de autoria: escrita e análise dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4063776675134292>

E-mail: ignacio@alunos.utfpr.edu.br

ⁱⁱ **Diego Machado Ozelame**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5202-3261>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina - UEL/PR. Mestre em Educação em Ciências e Matemática - PUC/RS. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de Caxias do Sul – UCS

Contribuição de autoria: escrita e análise dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5689484574778255>

E-mail: diegoozelame@utfpr.edu.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

IGNACIO, Antonio Augusto; OZELAME, Diego Machado. Concepção de um grupo de professores de Ciências e Biologia sobre o tema indisciplina escolar. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.